

MAIS TECNOLOGIA, MENOS CUSTO

*** Roberto Rodrigues**

As feiras dinâmicas realizadas em Cascavel/PR e Não-me-Toque/RS foram coroadas de êxito comercial, com recorde de vendas de máquinas e equipamentos agrícolas. Explica-se: os produtores da região sul tiveram colheitas espetaculares, usaram a melhor tecnologia e o clima foi excelente, com chuva farta na hora certa. Com a valorização do dólar na comercialização, tiveram boa renda. Que fizeram? O que sempre fazem os produtores rurais brasileiros: foram comprar novas tecnologias para modernizar sua atividade e fazê-la ainda mais competitiva. Este é o espírito que orienta nossos agropecuaristas: evoluir, competir com sustentabilidade e seguir fazendo o que amam e sabem fazer: produzir mais e melhor.

Em compensação, a Agrishow de Ribeirão Preto vendeu 30% menos, em valor, do que vendeu no ano passado. Porque a diferença em relação aos companheiros do sul? Claro como água: porque não choveu no sudeste, a produtividade foi baixa e os produtos principais da região são cana-de-açúcar, laranja e café: os dois primeiros com preços muito baixos e o terceiro com produção pequena. Em outras palavras, os produtores não conseguiram renda para novos investimentos.

Nem por isso a Feira foi um fracasso. A principal característica das feiras agropecuárias dinâmicas criadas a partir da Agrishow é ser uma vitrine de novidades tecnológicas. As empresas que vendem insumos ou equipamentos de todo tipo deixam para lançar as inovações naquela ocasião. E nesse sentido, houve renovado sucesso em Ribeirão Preto: surgiram novas invenções e tecnologias que se somarão a tudo o que já está disponível no "arsenal" gerado nas instituições de pesquisa públicas e privadas e nas empresas fornecedoras de insumos e máquinas.

E parece que aqui está a grande novidade do agro brasileiro: os produtores já estão convencidos que não dá para competir sem tecnologia de ponta. Podem até reduzir sua área de plantio em tempos de crise, mas não mais reduzir o padrão tecnológico. Em qualquer lugar que se ande nas regiões produtoras, ouve-se um mesmo refrão: é preciso produzir mais com menos. Todo mundo diz que o paradigma mudou: soja de menos de 60 sacas por hectare não dá resultado, cana tem que chegar aos 3 dígitos (mais de 100 toneladas por hectare em média de 5/6 cortes), o milho tem que produzir mais de 170 sacas e assim por diante. Portanto, tome tecnologia, com sementes selecionadas de novas variedades, com fertilizantes especiais, com defensivos pouco agressivos, sem perdas na colheita e no transporte, e tudo o mais. E tome gestão, cortando custos que ontem eram tolerados, reduzindo investimentos ao mínimo indispensável, postergando qualquer despesa que não proporcione retorno claro.

Não há dúvida que os produtores apoiam as medidas do Ministro Joaquim Levy em prol do reequilíbrio das contas públicas, do combate à inflação e do ajuste fiscal. Todos sabemos que não é mais possível aceitar a inflação de décadas atrás, pois ela mascarava os resultados e desprezava a

eficiência. Mas por outro lado sabem que o reflexo do ajuste é crédito mais curto e mais caro. Com custos mais altos por causa do câmbio e da inflação, com margens possivelmente mais estreitas em 2016, está certo mesmo apertar o cinto e botar as barbas de molho. E daí vem a redução das vendas na Agrishow. Já vivemos momentos de endividamento no passado, e ninguém mais quer passar por isso.

Mas o grande benefício final é a modernização do campo com tecnologia e gestão melhores.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**